

O (RE)SIGNIFICAR DO SUJEITO SUICIDA DITADOS PELO/NO CORPO

THE (RE)SIGNIFICATION OF THE SUICIDAL SUBJECT DICTATED BY/IN THE BODY

Silva, Patrícia Aparecida Da

Resumo: Eleger o suicídio como temática para minha pesquisa de doutorado me possibilita pensar, por um viés analítico, as relações de aversões/inversões do sujeito suicida com o seu corpo, pois o ritual do sujeito com o seu corpo marca-se por um funcionamento que se acentua a partir de uma dupla inquietação: a do corpo submetido e a do corpo desviante. Nas palavras de Azevedo (2013, p. 21) [...] por um lado, a subordinação do corpo à regra e à norma [...], por outro lado [o corpo impelido] incessantemente pelo desvio, pela anormalidade e pelo caráter de ilegalidade presente nesse tipo de celebração contemporânea [...]. [Trata-se dos [...] modos como os investimentos ideológicos disciplinam e subordinam o corpo do sujeito, [através de] formas como o poder, o Estado, o direito [que] coagem o corpo, insinuam-se nele produzindo marcas, cicatrizes e suturas [...]. Logo, se faz necessário explicitar a nascedura deste corpo; como se instituiu ao longo do tempo, enquanto social e individual, por exemplo, se pensarmos a partir da Idade Média, tem o religioso Santo Tomas de Aquino, que rompeu laços com filosofia aristotélica e uniu alma e corpo em um só composto substancial, ou seja, o corpo que é educado se transforma em santuário da alma, o que revela a supremacia da alma sobre o corpo.

Palavras-chave: Nomeações; Discurso; Efeitos de sentido;

Abstract: Choosing suicide as the theme for my doctoral research allows me to think, through an analytical bias, of the relationships of aversions / inversions of the suicidal subject with his body, because the subject's ritual with his body is marked by a functioning which is accentuated from a double concern: that of the submitted body and that of the deviant body. In the words of Azevedo (2013, p. 21) [...] on the one hand, the subordination of the body to the rule and norm [...], on the other hand [the impelled body] incessantly by deviation, abnormality and due to the character of illegality present in this type of contemporary celebration [...]. [It is about the [...] ways in which ideological investments discipline and subordinate the subject's body, [through] ways in which power, the State, the law [which] coerce the body, insinuate themselves in it by producing marks , scars and sutures [...]. Therefore, it is necessary to explain the birth of this body;

as it was instituted over time, as a social and individual, for example, if we think from the Middle Ages, there is the religious Saint Tomas de Aquino, who broke ties with Aristotelian philosophy and united soul and body in one substantial compound, or that is, the body that is educated becomes a sanctuary for the soul, which reveals the supremacy of the soul over the body.

Keywords: Appointments; Speech; Sense effects;

La Iglesia dice: El cuerpo es una culpa. La ciencia dice: El cuerpo es una máquina. La publicidad dice: El cuerpo es un negocio. El cuerpo dice: Yo soy una fiesta.¹

Eduardo Galeano (1993, p.138)

Nosso interesse pela temática do suicídio nasceu, a priori, da vivência como professora em uma escola (urbana) da rede pública de ensino em Cáceres - MT. Nesta experiência, convivemos com alunos adolescentes que apresentavam predisposição ao suicídio, uma característica que tem se marcado com certa frequência na contemporaneidade. Os sintomas mais comuns apresentados por esses jovens envolviam mutilação do próprio corpo, depressão e um processo permanente de alheamento e ausência de vivacidade para as atividades em sala de aula.

Neste contexto, Sartre considera o corpo como uma estrutura imediata do PARA-SI, que envolvem o conceito

[...] da Consciência, na medida em que este ser é Em-si para se nadificar (12) em Para-si, permanece contingente; ou seja, não pertence à consciência o direito de conferir o ser a si mesma, nem o de percebê-lo de outros [...] trata-se de valor e não de fato ... o Em-si é para perder-se em Para-si. O Para-si é o Em-si que se perde como Em-si para fundamentar-se como consciência (Sartre, 2003, p. 130 e 131).

Assim a sedução se dá na percepção isolada do corpo, o corpo Em-si somente acontece como resultado da percepção do corpo Para-si, que por sua vez, é o Em-si que se nadifica e transforma em consciência. A formação do Para-si carece do outro (outra

¹ A Igreja diz: O corpo é uma falha. A ciência diz: O corpo é uma máquina. A publicidade diz: O corpo é um negócio. O corpo diz: eu sou uma festa.

pessoa) para formar o Outro (eu). Sartre conclui ainda que “Seria inútil, apenas, supor que a alma possa desgarrar-se desta individualização, separando do corpo pela morte ou pelo pensamento puro, pois a alma é o corpo, na medida em que Para-si é a sua própria individualização” (SARTRE, 2003, p. 393).

Por assim dizer, as aversões/inversões no corpo do suicida constituem-se historicamente na/pela língua/ideologia, ou seja, constitui-se no desejo inconsciente de si e de outrem, marcado por sentidos divididos e, ao mesmo tempo, contraditórios. Assim sendo, a ideologia, por seus aparelhos ideológicos – a família, a escola e a sociedade –, instala-se através de um ditame de regras que constitui, por um jogo sinuoso e sombrio, o lugar do suicida. Assim, seu corpo instala-se como lugar de materialização da sua posição de sujeito no mundo e no dizer. Trata-se, nas palavras de Lacan (1998), de um *real do corpo* que, tal como o *real* da língua, produz para o corpo um resíduo que se inscreve permanentemente, mas que não se materializa, assim, fura e irrompe incessantemente, ao mesmo tempo em que se instala por sua impossibilidade absoluta de se materializar, uma vez que escapa permanentemente à formulação.

A realidade do corpo do suicida constitui-se, muitas vezes, por inscrições: uma tatuagem, uma automutilação, um autorrechaço, uma autopiedade ou até mesmo a morte, mas o real desse corpo é toda a impossibilidade de se dizer, assim, quanto mais o sujeito suicida se inscreve no corpo, mas se silencia o seu real. No dizer de Foucault, “[...] captar a irregular existência que vem à luz no que se faz, se diz”, ou seja, o sujeito que se mutila significa o tempo todo, sem conseguir dizer, de fato, o que se quer dizer.

Desse modo, o corpo no contexto atual é marcado por rituais, enquanto lugar de reverberar a dor, o sofrimento que o grande *Outro*² constrói no/para o sujeito suicida. Essas injunções expõem o corpo de modo acentuado, tanto nos espaços públicos quanto nos meios digitais, constituindo, assim, o corpo imaginário, a perfeição etc. e colocando em xeque, muitas vezes, a vida e o limite das relações familiares – pai e filho.

² Lacan define o Grande Outro como sendo da ordem da Lei e da Cultura (ambas as palavras grafadas em letra maiúscula), ou seja, são vozes outras que fazem constituir cadeias significantes no inconsciente de cada sujeito. No entanto, a Lei em Lacan, não é a lei para o deficiente, por exemplo, pois esta funciona de modo a tamponar as necessidades e os desejos de pertencimento dessa população, com promessas, com projetos, com planos de adequação, que de fato, salvo raras exceções, não acontecem no país. A Lei em Lacan, ao contrário, diz mesmo dos sentidos que interditam o direito de acesso ao deficiente.

Esse cenário é descrito por Baldini (2011, p. 58) como resultando num *corpo em espetáculo*:

[...] diante da banalização da vida e das relações sociais, o sujeito cria para si um corpo-espetáculo, ou seja, transforma seu próprio corpo em uma imagem-espetáculo, um produto a ser consumido: neste jogo entre consumir, ser consumido e consumir-se, temos o panorama dos processos de identificação contemporâneos, pelo menos em sua vertente imaginária.

Esse funcionamento coloca-se de forma mais acentuada para o sujeito suicida, que não deseja fazer do seu corpo um espetáculo, mas deseja dizer aquilo que de real seu corpo pode expressar.

Nesse entendimento, passaremos a discutir o corpo enquanto constituição imaginária do sujeito.

1.1- A concepção de corpo: a constituição imaginária de si

Dialética

É claro que a vida é boa
E a alegria, a única indizível emoção
É claro que te acho linda
Em ti bendigo o amor das coisas simples
É claro que te amo
E tenho tudo para ser feliz
Mas acontece que eu sou triste...

Vinicius de Moraes

O jogo do polissêmico no poema nos mobiliza as reflexões do corpo do sujeito suicida, ou seja, instalam-se no balanço de “a vida é boa, alegre, emocionante, *mas* acontece que sou triste”, o uso do conectivo adversativo está carregado de sentidos que silenciam o suicida, que neste estudo é a voz do sujeito que se mutila para existir para o outro, para ter seu lugar no mundo, um mundo que não lhe pertence, mas busca pertencer.

O imaginário de corpo no cenário atual é (des)colocá-lo em saberes e posicionamentos histórico-ideológico, que se inscrevem em movimentos, ora de contradição, ora excludência, uma forma que sutura e ao mesmo tempo cicatriza.

E como nos lembra Lacan (1998, p. 99) em seus escritos é dada como Gestalt, ou seja, o duplo se revela na relação do visual, na ordem da constitui do corpo de cada sujeito supliciado, que aliena-se para permanecer

[...] a forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dada como *Gestalt*, isto é, numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída, mas em que, acima de tudo, ela lhe aparece num relevo de estatura que a congela e numa simetria que a inverte, em oposição à turbulência de movimentos com que ele experimenta animá-la. Assim, essa *Gestalt*, cuja pregnância deve ser considerada como ligada à espécie, embora seu estilo motor seja ainda irreconhecível, simboliza, por esses dois aspectos de seu surgimento, a permanência mental do [eu], ao mesmo tempo que prefigura sua destinação alienante; é também prenhe das correspondências que unem o [eu] à estatura em que o homem se projeta e aos fantasmas que o dominam, ao autômato, enfim, no qual tende a se consumir, numa relação ambígua, o mundo de sua fabricação.

O corpo é, pois, um gesto de interpretação que atribui significações a partir da relação espectral entre a instância ideológica e a produção de sentidos. Segundo Pêcheux (1990, p.8), o funcionamento da memória se inscreve entre “o visível e o invisível, entre o existente e o alhures, o não-realizado ou o impossível, entre o presente e as diferentes formas de ausência.”

Assim, o corpo do suicida realiza o lugar do polissêmico ao se: mutilar, ao se sabotar, ao submeter ao masoquismo e ao tirar a vida. O inconsciente estrutura-se como linguagem, que dá lugar a feridas e abrem novas. Assim se coloca como um ritual do corpo, que é ditado pelo outro, não tem voz ou vez, de modo que é o “irrealizado formando sentido no interior do sem-sentido” (PÊCHEUX, 1990, p. 17).

“E através destas quebras de rituais, destas transgressões de fronteiras: o frágil questionamento de uma ordem, a partir da qual o lapsos pode tornar-se discurso de rebelião, o ato falho, de motim e de insurreição: o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entre em ressonância e produz um acontecimento histórico, rompendo o círculo da repetição”

Entretanto, é na ordem do invisível de uma rede interdiscursiva que os sentidos se constituem, tomam corpo, a partir de um complexo extralinguístico que comporta um conjunto de imagens esquecidas, apagadas ou negadas. A “eficácia omni-histórica da ideologia”, diz Pêcheux (1990, p.8), consiste em sua “tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além, o invisível”. Na aproximação das palavras de Pêcheux com o conceito de tecnologia corporal, diremos que a relação contraditória e tensa do movimento entre sutura e cicatriz é uma relação fundamental ao engendramento do sentido, em que o invisível é aí imediatamente colocado. Daí convém afirmar que, devido ao atravessamento da ideologia e do inconsciente, a cicatriz que se

formula a partir das práticas corporais comporta sempre algo para além do visível do processo parafrástico, ou seja, a produção de sentidos para os corpos será sempre inevitavelmente afetada pelo invisível.

E para DE Azevedo (2013, p. 4)

[...] esse processo de sutura/cicatriz não é apenas da ordem da ideologia, mas do inconsciente. Como bem colocou Pêcheux, Ideologia e Inconsciente estão materialmente ligados, embora não se confundam. O que a teoria Freudiana vai nos ensinar, relativo ao inconsciente, é que os pensamentos inconscientes se revelam como aquilo que se mostra em ausência, como nos sonhos. Ou ainda, conforme Lacan (1998), o inconsciente se funda na hiância, na falha onde o recalçado se releva, no capítulo vazio e censurado de nossa história. O inconsciente, estruturado como linguagem, se instala no lugar do vazio do sentido, produzindo respostas à ferida narcísica. E como a hiância é o lugar do não realizado, do impossível, lugar de polissemia, o movimento de tensão entre tamponar/obliterar a falta e fazer cicatriz se mostra no jogo entre visível e invisível.

Nessa direção, o silêncio é resultado de um efeito ideológico que ajunta, ao mesmo tempo, memória e esquecimento, que “[...] são inseparáveis, ligando no processo discursivo o dizer e o não-dito, o dito e o já-dito, como efeitos materiais” (*idem, ibidem*). Essa constatação foi assumida por Pêcheux (1983) como sendo um resultado, um efeito de uma negociação entre, de um lado, um acontecimento histórico singular e, de outro, o dispositivo complexo da memória. E a família, como um núcleo social, tende a reproduzir essa lógica/negociação, exigindo que seus jovens sejam bem-sucedidos, que se tornem ícones do seu tempo. Num contexto em que não é permitido falhar ou errar, muitas crianças e jovens sentem-se incapazes de atender a essa demanda, a esse imperativo de sucesso, se refugiando numa depressão e, por vezes, se precipitando num ato suicida. O suicídio, nestes casos, se configura como uma saída do sujeito para se livrar da dor provocada por sua incapacidade de atender as expectativas do Outro.

Desse modo, a AD desloca a noção de ideologia enquanto ocultação de sentidos e a compreende como constitutiva da linguagem, no sentido de que tem no discurso sua materialidade específica. Nesta direção, Orlandi (2015, p. 297), afirma que

[...] a ideologia está em que o sujeito, na ilusão da transparência e sob o domínio de sua memória discursiva – alguma coisa fala antes, em outro lugar e diferentemente – pensa que o sentido só pode ser aquele quando na verdade ele pode ser outro.

Para tanto, o caráter material da linguagem é apagado pela evidência do sentido, que sustenta a ilusão de que o sentido é transparente e que não pode ser outro, enquanto a constituição do dizer se dá pela inscrição do sujeito em dada formação discursiva.

Nas palavras de Pêcheux:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascarem, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (1988 [1975], p. 160).

Assim, na AD a ideologia não é concebida enquanto efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para significar (Orlandi, 2009), assim não há como separar sujeito/sentido/ideologia. Orlandi (2009, p. 47), afirma que

[...] para que a língua faça sentido, é preciso que a história intervenha, pelo equívoco, pela opacidade, pela espessura material do significante. Daí resulta que a interpretação é necessariamente regulada em suas possibilidades, em suas condições. Ela não é mero gesto de decodificação, de apreensão do sentido. A interpretação não é livre de determinações: não é qualquer uma e é desigualmente distribuída na formação social.

Para Pêcheux

[...] impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção. ([1969] 1997 p. 79)

E nesta projeção de Pêcheux de condições de produção, o lugar que o sujeito se inscreve, na história, na ideologia e na contemporaneidade. Logo, passaremos a discutir o corpo deste sujeito e suas relações de (des)afeto, (des)amparo e (des)possessão no contexto social.

Para Silva (2016 pág. 23), “é pela articulação da língua com a história, que coloca em visibilidade as condições de produção” do processo de (des)afeto, (des)amparo e

REVELLI, Vol. 13. 2021. Dossiê Novo Normal (?): Artes e Diversidade em
isolamentos

ISSN 1984-6576.

E-202160

(des)possessão, que podemos dar a conhecer o trabalho da ideologia, pois, ao dizer o suicida se marca/inscreve na/pela linguagem.

Nas palavras de Orlandi³ (2007, p. 20), “a ideologia se produz justamente no ponto de encontro da materialidade da língua com a materialidade da história. Como o discurso é o lugar desse encontro, é no discurso” (materialidade específica da ideologia) que melhor podemos observar esse ponto de articulação.

1.2- O corpo na contemporaneidade: relações de (des)afeto, (des)amparo e (des)possessão

Não somos apenas o que pensamos ser. Somos mais: somos também o que lembramos e aquilo de que nos esquecemos; somos as palavras que trocamos, os enganos que cometemos, os impulsos a que cedemos 'sem querer'.

Sigmund Freud

Ao trazer a citação de Freud, podemos pensar na submissão do corpo do suicida perante as redes sociais na ordem do (des) amparo/(des)afeto, (des)possessão – angústia, solidão e a prisão.

O mês⁴ de setembro de todos os anos é dedicado ao combate ao suicídio -*Setembro Amarelo* -, contudo, dado o aumento significativo nos números de suicídio, uma grande ênfase foi dada à campanha do corrente ano, o que favoreceu a divulgação, por diferentes mídias, de estatísticas alarmantes: mais de um milhão de pessoas tiram a própria vida todos os anos no mundo.

³ Segundo Orlandi (1999, p. 30) as condições de produção 'compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação', aos quais a memória discursiva é acionada. Incluem, pois, o contexto sócio-histórico, ideológico na produção do acontecimento.

⁴ O Setembro Amarelo é uma campanha de conscientização sobre a prevenção do suicídio. No Brasil, foi criado em 2015 pelo CVV (Centro de Valorização da Vida), CFM (Conselho Federal de Medicina) e ABP (Associação Brasileira de Psiquiatria), com a proposta de associar à cor ao mês que marca o **Dia Mundial de Prevenção do Suicídio** (10 de setembro). **A ideia é pintar, iluminar e estampar o amarelo nas mais diversas resoluções, garantindo mais visibilidade à causa.**

Ao longo dos últimos anos, escolas, universidades, entidades do setor público e privado e a população de forma geral se envolveram neste movimento que vai de norte a sul do Brasil. Monumentos como o Cristo Redentor (RJ), o Congresso Nacional e o Palácio do Itamaray (DF), o Estádio Beira Rio (RS) e o Elevador Lacerda (BA), para citar apenas alguns, e até mesmo times de futebol, como o Santos FC, Flamengo e Vitória da Bahia, participam da campanha.

A escolha da cor é importante destacar que, foi originada por um casal de Americanos que perdeu o filho para o suicídio e pelo amor do filho a cor amarela, veja no excerto abaixo:

⁵A cor amarela é usada para representar o mês da prevenção do suicídio por causa de Dale Emme e Darlene Emme. O casal foi o início do programa de prevenção de suicídio “fita amarela”, ou “Yellow Ribbon” em inglês. Em 1994, Mike Emme, filho do casal, com apenas 17, se matou. Mike era conhecido por sua personalidade caridosa e por sua habilidade mecânica. Restaurou um Mustang 68 e o pintou de amarelo. Mike amava aquele carro e por causa dele começou a ser conhecido como “Mustang Mike”. Entretanto, infelizmente, aqueles próximos de Mike não viram os sinais e o fim da vida do garoto chegou. No dia do funeral dele, uma cesta de cartões com fitas amarelas presas a eles estava disponível para quem quisesse pegá-los. Os 500 cartões e fitas foram feitos pelos amigos de Mike e possuíam uma mensagem: Se você precisar, peça ajuda. Os cartões se espalharam pelos Estados Unidos. Em poucas semanas começaram a aparecer ligações. Um professor de outro estado havia recebido um dos cartões de uma aluna, pedindo por ajuda. Diversas cartas chegavam de adolescentes buscando ajuda. A fita amarela foi escolhida como símbolo do programa que incentiva aqueles que têm pensamentos suicidas a buscar ajuda. Em 2003 a OMS instituiu o dia 10 de setembro para ser o Dia Mundial da Prevenção do Suicídio, e o amarelo do mustang de Mike é a cor escolhida para representar este sentimento. [...]

Nesta direção, é importante ressaltar a influência das mídias no crescimento do suicídio entre os jovens, um exemplo disso foi no ano de abril de 2017, onde os voluntários do Centro de Valorização da Vida – CVV - começaram a notar um crescimento acentuado na quantidade de contatos com pedidos de informação e ajuda. Os e-mails diários mais do que quintuplicaram, passando de uma média de 55 para 300. Os acessos ao site saltaram de 2,5 mil ao dia para 6,7 mil, a partir da estreia da série – “13 Reasons Why”.

Vale ressaltar que a série, *Thirteen Reasons Why*⁶ é narrada por Clay Jensen, um rapaz que ao voltar um dia da escola, encontra na porta de sua casa um misterioso pacote com seu nome. Dentro, ele descobre várias fitas cassetes. O garoto ouve as gravações e se dá conta de que elas foram feitas por Hannah Baker, uma garota que cometeu suicídio duas semanas atrás. Nas fitas, Hannah explica que existem treze motivos que a levaram à decisão de se matar. Clay é um desses motivos. Agora ele precisa ouvir tudo até o fim

⁵Disponível em: <https://minutosaudavel.com.br/setembro-amarelo/>, acessado 30 mai 2019.

⁶Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Thirteen_Reasons_Why, acessado 30 mai 2019.

para descobrir como contribuiu para esse trágico acontecimento. Sendo assim, os Treze Porquês, são narrados no livro e na série. Vejamos *Thirteen Reasons Why*:

- Primeira razão de Hannah: **Justin Foley** - O primeiro menino que Hannah tinha beijado, divulga e exagera o evento, dizendo que eles tinham ido mais longe do que realmente tinha. Isso dá a Hannah uma reputação negativa em sua nova escola, iniciando sua depressão e fazendo-a futuramente, sucumbir.
- Segunda razão de Hannah - **Alex Standall** - O menino que a deixa mal, apelidando-a como a "melhor bunda na turma de calouros", na sua lista de *Quem está bem & Quem não está*. Essa ação perpetua a reputação de promiscuidade, e faz com que ela se torne um objeto de assédio sexual para muitos outros estudantes.
- Terceira razão de Hannah - **Jessica Davis** - Uma das primeiras conhecidas de Hannah em sua nova cidade. Ela tinha ciúmes de Hannah porque esta tinha sido colocado na *Quem está bem & Quem não está* pelo seu namorado Alex Standall e ela não. Ela presumiu que Hannah tivesse tendo um relacionamento com o seu namorado e que os rumores de que Justin estava perpetuando fossem verdade, e abandona Hannah como amiga, acusando-a de traição.
- Quarta razão de Hannah - **Tyler Down** - Um colega que estava espreitando na janela do quarto de Hannah durante à noite e tirando fotos dela. Hannah e uma outra menina (Courtney Crimsen) tentam pegá-lo no ato, mas não veem seu rosto, e ficaram sem saber quem era. Hannah depois descobre sua identidade. As ações de Tyler fazem Hannah se sentir insegura em um de seus últimos santuários: sua própria casa.
- Quinta razão de Hannah - **Courtney Crimsen** - Supostamente uma garota legal, que é na verdade uma manipuladora que usa as pessoas para a popularidade. Hannah pensou que elas haviam se tornado amigas depois de brincar de tentar pegar Tyler, mas Hannah descobre que Courtney, também, tem dito boatos sobre ela.
- Sexta razão de Hannah - **Marcus Cooley** - Um palhaço da turma que, brincando, chamou Hannah para sair no Dia dos Namorados. Percebendo que Hannah pode ter pensado que era sério, Marcus foi até a lanchonete onde eles concordaram em se reunir. Quando ele a encontra lá, ele tenta tocá-la de uma forma sexual, acreditando nos rumores sobre ela.
- Sétima razão de Hannah - **Zach Dempsey** - Um outro colega que testemunha o confronto entre Marcus e Hannah. Ele oferece assistência depois que Marcus vai embora, mas é rejeitado por Hannah. Possivelmente, por despeito, mais tarde ele rouba suas "cartas elogio" em uma classe, quando Hannah estava em grave necessidade de reforço positivo.
- Oitava razão de Hannah - **Ryan Shaver** - O editor do jornal da escola, que fez amizade com Hannah, e tem um interesse comum em poesia. Mais tarde, Ryan roubou um dos poemas de Hannah e publicou no jornal, e seu poema privado foi dissecada e ridicularizado por todo o corpo discente. Depois de Tyler tê-la feito sentir-se insegura em sua casa, Hannah sentiu como se Ryan havia arruinado sua mente, seu último santuário, colocando seus pensamentos privados ao ridículo.
- Nona razão de Hannah - **Justin Foley** - Após Justin deixar Jessica Davis bêbada no quarto da própria em uma festa, o loiro permite que Bryce Walker (capitão do time de baseball da escola e terceiranista) entre na sala e a estupre. Desconhecida por todos, Hannah estava escondida no armário, e não conseguiu ajudar Jessica.
- Décima razão de Hannah - **Sherry Kurtz** - Uma líder de torcida que convenceu Hannah a aceitar a proposta de Marcus para sair. Ela estava dando uma carona para casa de Hannah da festa onde Jessica foi violentada, quando ela bateu o carro e derrubou um sinal de "pare". Jenny recusou-se a relatá-lo quando Hannah lhe sugeriu e, depois que Hannah a pressionou mais no assunto, ela chutou Hannah para fora do carro. Mais tarde naquela noite, um idoso foi ferido e um estudante de sua escola foi morto em um acidente causado pela falta do sinal. Isso fez Hannah sentir-se culpada pela morte de uma pessoa, fazendo-a levar essa culpa para sempre.
- Antepenúltima razão de Hannah - **Clay Jensen (co-narrador)** - Com quem Hannah estava conectada e se apaixonou. Uma vez haviam beijado-se em uma festa, e Hannah anseia por mais. No entanto, neste momento de sua vida, ela estava tendo dificuldades

para se conectar com qualquer pessoa em um nível mais emocional. Clay não era para estar na lista, mas ela mandou as fitas porque lamentou nunca ter tido a oportunidade de conhecê-lo melhor. Além disso, ela sente que lhe deve uma explicação por seu comportamento. Clay acaba por se sentir culpado por não ter tentado entender Hannah, de quem ele gostava.

- Penúltima razão de Hannah - **Bryce Walker** - Dessa vez Bryce estupra Hannah durante uma festa em sua casa, deixando-a totalmente desestabilizada. No começo dessa fita ela já inicia a dar pistas de como foi seu suicídio.
- Última razão de Hannah - **Sr. Porter** - O conselheiro da escola a quem Hannah deu a entender sobre seus planos para cometer suicídio. O Sr. Porter lhe permitiu deixar o seu escritório chateada, depois da conversa (que Hannah gravou). Enquanto ela queria que ele a convencesse a não se matar, ele sugeriu simplesmente que ela seguisse com sua vida. Além disso, não conseguiu manter uma discussão de seguimento adequada. Seus conselhos pobres e orientação ruim foram a gota d'água para Hannah.

Obs: (*) No final da última fita há um som sombrio, de onde sai a voz dela, balbuciando uma “obrigada”, que provavelmente indica seu suicídio.

Por outro lado, a série trouxe à tona dados preocupantes, como na data do lançamento da série, em 18 de abril 2017, o que também é considerada motivadora para o suicídio do jogador de futebol americano Aaron Hernandez, em análises de seus registros de buscas estavam 20 termos ligados ao suicídio, a palavra em si e outras expressões associadas: “como se matar”, “ideação suicida”, “prevenção do suicídio”, “suicídio indolor”, “suicide hotline” (telefones de serviços de apoio psicológico

A protagonista da série, a Hannah Baker estudante do ensino médio que tira a própria vida é identificada por muito jovens. Por assim dizer, a mesma deixa gravações em fitas cassete nas quais aponta as motivações que a teriam levado ao suicídio: o bullying, a violação da privacidade, o assédio, a incompreensão e o estupro.

Essa repercussão tiveram dois efeitos, o primeiro efeito é até positivo, pois chama atenção da sociedade, dos pais, da escola, ou seja, dos aparelhos ideológicos do Estado a olharem/sensibilizarem para um problema extremamente sério e que com frequência passa despercebido, abrindo caminho para que as pessoas estejam atentas a sinais de risco e que busquem auxílio. Por outro lado, o segundo efeito é obscuro, pois é a manifestação e o encorajamento de comportamentos idênticos.

Assim para Freud a vida é complexa e a sociedade também o é, seja por privações ou preceitos/imperfeições (1996, p. 25)

Tal como a humanidade em geral, também para o indivíduo a vida é difícil de suportar. A civilização de que participa impõe-lhe uma certa quantidade de privação, e outros homens lhe trazem outro tanto de sofrimento, seja apesar dos preceitos de sua civilização, seja por causa das imperfeições dela. A isso se acrescentam os danos que a natureza incomoda – o que ele chama de Destino – lhe

REVELLI, Vol. 13. 2021. Dossiê Novo Normal (?): Artes e Diversidade em
isolamentos

ISSN 1984-6576.

E-202160

inflige. Poder-se-ia supor que essa condição das coisas resultaria num permanente estado de ansiosa expectativa presente nele e em grave prejuízo a seu narcisismo natural. Já sabemos como o indivíduo reage aos danos que a civilização e os outros homens lhe infligem: desenvolve um grau de correspondente de resistência aos regulamentos da civilização e de hostilidade para com ela. Mas, como se defende ele contra os poderes superiores da natureza, do Destino, que o ameaçam da mesma forma que a tudo mais?

O indivíduo rege os danos da própria civilização é isso lhe custa, o simulacro da alienação e da perfeição, quanto mais o sujeito é engodado nessa ilusão, mas ele se inscreve e, conseqüentemente, se apaga.

Para Foucault (2002, p.166, 167), essa necessidade de ver e de ser visto é metaforizada pelo *Panóptico*, enquanto um lugar que aprisiona, mas que, ao mesmo tempo, dá ao sujeito a ilusão materializada pelo privilégio da luz e da visibilidade:

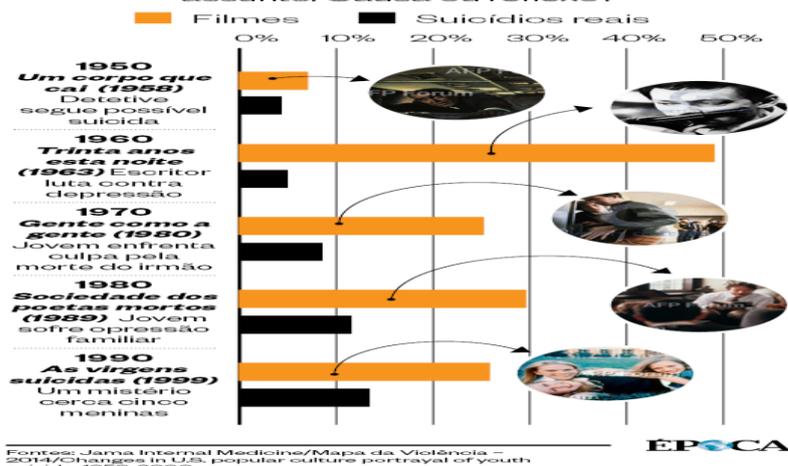
O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha. [...] Uma sujeição real nasce mecanicamente de uma relação fictícia. De modo que não é necessário recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação, o doente à observância das receitas.

Ao contrário de outras séries e filmes adolescentes, “13 Reasons Why” não pretende definir vilões nem mocinhos. Os personagens, assim como na vida real, são complexos e nem sempre entendem o quanto uma frase, um gesto ou a falta dele podem realmente significar. Os garotos que riem da personagem Hannah consideram aquilo uma piada, quem se afasta realmente a considera uma pessoa de quem é melhor não estar próximo, o rapaz que a estupra não considera que aquele foi um ato forçado e criminoso.

Analisaremos a figura I abaixo:

CONEXÃO POLÊMICA

Um estudo sugere aumento das taxas de suicídio nos Estados Unidos nas últimas décadas e do número de filmes que incluem o assunto. Causa ou reflexo?



Disponível em: <https://epoca.globo.com/saude/check-up/noticia/2017/07/serie-13-reasons-why-estimulou-ideias-de-suicidio-diz-estudo.html>, acessado 02 jan. 2019.

A tabela aponta dados alarmantes, e podemos perceber que a ideia de falar sobre casos de suicídio no noticiário ou transformá-los em histórias da ficção possa ter um impacto real sobre tentativas de suicídio sempre desperta controvérsia. A primeira vez que o assunto ganhou destaque foi no século XVIII, quando o escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe publicou, em 1774, o livro *Sofrimentos do jovem Werther*, inaugurando o romantismo na literatura. O sucesso da obra, que [spoiler alert!] contém um episódio de suicídio, deu origem ao que se chamou de “efeito Werther”: a suspeita de que o romance tenha aumentado o número de suicídios.

O formato de “13 Reasons Why”, cujos episódios são lançados todos ao mesmo tempo e podem ser vistos em sequência, o chamado “binge watching” (algo como “assistir compulsivamente), também causa preocupação. Ele poderia potencializar os efeitos da idealização suicida, ao submergir um espectador fragilizado nesse universo. “Essa imersão na história e nas imagens pode ter um efeito particularmente forte nos adolescentes, cujo cérebro ainda está desenvolvendo a habilidade de inibir certas emoções, desejos e ações”, afirma a psicóloga americana Kimberly O’Brien. Para os adolescentes que já pensaram ou estão pensando em suicídio, esse impacto pode ser ainda maior porque para eles a história é totalmente condizente com sua realidade. A série, a despeito das preocupações, tornou-se instantaneamente um estrondoso sucesso, em parte por lidar com as angústias e os problemas que os adolescentes enfrentam: pressão para serem aceitos, bullying,

difamação nas redes sociais, preconceito de gênero, violência sexual e falta de diálogos com os pais, educadores, etc.

Para Freud (1996, p. 86 -87)

[...] A complicada estrutura do nosso aparelho mental admite, contudo, um grande número de outras influências. Assim como a satisfação do instinto equivale para nós à felicidade, assim também um grave sofrimento surge em nós, caso o mundo externo nos deixe definhar, caso se recuse a satisfazer nossas necessidades. Podemos, portanto, ter esperanças de nos libertarmos de uma parte de nossos sofrimentos se aplica mais ao aparelho sensorial; ele procura dominar as fontes internas de nossas necessidades. A forma extrema disso é ocasionada pelo aniquilamento dos instintos, tal como prescrito pela sabedoria do mundo peculiar ao Oriente e praticada pela ioga. Caso obtenha êxito, o indivíduo, é verdade, abandona também todas as outras atividades: sacrifica a sua vida e, por outra via, mais uma vez atinge apenas a felicidade da quietude. Seguimos o mesmo caminho quando os nossos objetivos são menos extremados e simplesmente tentamos *controlar* nossa vida instintiva. Nesse caso, os elementos controladores são os agentes psíquicos superiores, que se sujeitam ao princípio da realidade. Aqui, a meta da satisfação não é, de modo algum, abandonada, mas garante-se uma certa proteção contra o sofrimento no sentido de que a não-satisfação não é tão penosamente sentida no caso dos instintos mantidos sob dependência como no caso dos instintos de satisfação. O sentimento de felicidade derivado da satisfação de um selvagem impulso instintivo não domado pelo ego é incomparavelmente mais intenso do que o derivado da satisfação de um instinto que já foi domado. A irresistibilidade dos instintos perversos e, talvez, a atração geral pelas coisas proibidas encontram aqui uma explicação econômica.

Portanto, essa ruptura do equilíbrio social, quando eclode repentinamente, sempre leva tempo para produzir todas as suas consequências. A evolução do suicídio compõe-se assim de ondas de movimento, distintas e sucessivas, que ocorrem por ímpetos, desenvolvendo-se durante um tempo, depois se detendo, para em seguida recomeçar. E por assim dizer, cada sujeito tem um coeficiente de aceleração que lhe é próprio, ou seja, o que os dados estatísticos expressão, é uma tendência ao suicídio pela qual cada sociedade é coletivamente afligida. E que cada sociedade se predispõe a fornecer um contingente determinado de mortes voluntária.

CONCLUSÃO

Este estudo, em seu início, pretendia analisar o corpo na perspectiva analítica e em suas dimensões históricas. Assim, pautamo-nos na teoria da Análise de Discurso, vislumbrando materiais que possibilitassem compreender na língua, na forma material, como os processos discursivos se colocavam. Falamos, então, da história do corpo e suas aversões e inversões do/pelo sujeito e seus modos de interpelação do/pelo grande outro.

REVELLI, Vol. 13. 2021. Dossiê Novo Normal (?): Artes e Diversidade em
isolamentos
ISSN 1984-6576.
E-202160

Por outro lado, os materiais possibilitaram relações mais amplas, que colocavam em funcionamento o lugar do sujeito, pois ao falar de suicídio e suas relações corpóreas, é notado que a condição desse sujeito está, a cada momento, diante de sua liberdade, por vezes vertiginosa, sobretudo quando o que está em jogo é o arbítrio entre o continuar a viver e o decidir morrer.

O processo de compreensão de vivências que culminaram no suicídio é uma via de resgate da permanência impactante da história do sujeito, no intervalo entre o nascer e o morrer, que tentou lidar com as questões mais decisivas de sua vida, ora sendo movido pelo Outro, ora pela imagem de si e sua tentativa de (re)significar.

A morte é estruturalmente ambígua, ambivalente. Suicídio é a intensificação dessa estrutura, de modo que as tentativas de compreensões desses fenômenos são escorregadias, incertas, pois estão se movendo junto com a dinâmica viva da existência. Em vista disso, uma virtude de acompanhar dinâmicas existenciais coexiste com uma limitação: experiências humanas são inesgotáveis, há uma inviabilidade própria em cobrir todos os lados e todas as questões que podem se abrir diante de um acontecimento como o suicídio. O encontro com essas histórias significou a expansão de compreensões acerca do suicídio, do viver e do morrer, no universo amplo e pulsante da vida.

Desse modo, concluímos que discutir a problemática de corporificação, seja pelo corpo físico, o corpo social e sua relação com o Outro ou até consigo mesmo, ou seja, constituído tanto em suas práticas sociais, históricas quanto pelos espaços de fuga de uma dada ordem de (des)amparo, (des)afeto, (des)possessão, ditada alhures e experimentada, muitas vezes, como angústia, solidão e prisão, que nem sempre é dito, mas significado, porque todo sujeito é levado à significação.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Alfred. O Deus selvagem: Um estudo do suicídio. Tradução de Sônia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ANGERAMI-CAMON, Valdemar A. Solidão: a ausência do outro. São Paulo: Pioneira, 1999.
- ANTUNES, Ricardo. Marx e a ontologia do suicídio. In: Margem Esquerda – ensaios marxistas. nº 8, 216-217; São Paulo: Boitempo, 2006.
- ARTAUD, Antonin. Van Gogh - O Suicida da sociedade. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

REVELLI, Vol. 13. 2021. Dossiê Novo Normal (?): Artes e Diversidade em
isolamentos
ISSN 1984-6576.
E-202160

BALDINI, Lauro José Siqueira. Cidade e Sujeito na Rede. In: ORLANDI, Eni P. Discurso, espaço, memória: Caminhos da identidade no Sul de Minas. Campinas (São Paulo): Editora RG, 2011. Cap. 3, p. 57-68.

_____, Lauro José Siqueira; SOUZA, Levi Leonel de. Os sentidos tomando corpo. In: AZEVEDO, Aline Fernandes de. Sujeito, corpo, sentidos. Curitiba: Appris, 2012. p. 69-88.

BITENCOURT, Cezar Roberto. Tratado de Direito Penal: parte especial 2. 9 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: . Acesso em: 4 out. 2019.

COMARU, Marcos - “Notas sobre a concepção lacaniana da Angústia, Papéis no.1, março de 1995.

CORREIA, Vilmar Prata. Filosofias do suicídio: corpo, governo e memória em vídeos de curta duração no Youtube. Orientador: Prof. Dr. Nilton Milanez. Vitória da Conquista, 2017.

DE AZEVEDO, Aline Fernandes. Tecnologias do corpo: metáforas da sutura e da cicatriz. RUA [online]. 2013, no. 19. Volume 2 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/> Capa: *USB Finger*. Disponível em: <http://www.yankodesign.com/2009/03/06/finally-a-usb-body-implant-for-hardcore-transfer/> acesso em fev. 2020.

_____. Cartografias do corpo: metáforas contemporâneas da sutura e da cicatriz / Aline Fernandes de Azevedo. -- Campinas, SP: [s.n.], 2013.

DURKHEIM, Émile. O suicídio: estudo de sociologia. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2011. ENGELS, Frederich. Anti-Dürring. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FAIRBAIRN, Gavin J. Reflexes em torno do suicídio: a linguagem e a ética do dano pessoal. Tradução de Atílio Brunetta. São Paulo: Paulus, 1999. 163 FEIJÓ, Marcelo. Suicídio: entre a razão e a loucura. São Paulo: Lemos, 1998.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. A intertextualidade como argumento de autoridade: o caso da carta-testamento de Getúlio Vargas (Intertextuality as argument from authority: the

case of Getúlio Vargas's letter of testament). Departamento de Letras e Linguística – Universidade de Franca (Unifran). ESTUDOS LINGUÍSTICOS, São Paulo, 44 (3): p. 1386-1394, set.-dez. 2015

FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: O Populismo na Política Brasileira. O Populismo e sua história: debate e crítica/ organização, Jorge Ferreira, - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FOUCAULT, Michel. Direito da morte e pode sobre a vida. In: FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. 15ª Edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. Volume I, Cap. V, p. 125 - 149.

_____. Direito de morte e poder sobre a vida. In: História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

_____. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. 38. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora / Edição Eletrônica, p. 2-41. Edição original: 1920.

_____, O ego e o ID. In: O ego e o ID e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora / Edição Eletrônica, p. 2-40. Edição original: 1923.

_____, Sigmund. “Inibição, Sintoma e Angústia” (1926) in Obras psicológicas Completas, Edição Standard Brasileira Rio de Janeiro, Imago Ed. 1976.

_____, Sigmund. Luto e Melancolia. in: _____. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, V. VIV, p. 245-266, 1996.

_____, Sigmund. Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. in: _____. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, Sigmund. O futuro de uma ilusão, o Mal-Estar na civilização e outros trabalhos. in: _____. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GOMES, Angela de Castro. O Populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. O Populismo e sua história: debate e crítica/ organização, Jorge Ferreira, - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HUNGRIA, Nélon; FRAGOSO, Heleno Cláudio. Comentários ao Código Penal. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense, 1981. v. 5.

KALINA, E.; KOVADLOFF, S. As cerimônias da destruição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

HARARI, Roberto - El Seminario "La Angustia" de Lacan: una introducción, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1993.

LACAN, J. - Seminário X - A Angústia (1962-63), documento de circulação interna do Centro de Estudos Freudianos de Recife. _____ - Seminário VIII, A Transferência (1960-61), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1992.

_____, Jacques. *O seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 201 p. [[Links](#)]

_____, Jacques, 1901 -1981 – L129e . Escritos/ Jacques Lacan; tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro – RJ . Zahar, 1998.

_____, Jacques. O estádio do espelho como formador das funções do eu (1949). In *Escritos*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1998. 608 p. [[Links](#)]

_____, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem (1966 [1953]). In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 382 p. [[Links](#)]

_____, Jacques. *O seminário, livro 23: o sintoma* (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 246 p. [[Links](#)]

_____, Jacques. Radiofonia (1970). In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 608 p. [[Links](#)]

_____, Jacques. A terceira (1974). In *Cadernos Lacan*, v.2. Porto Alegre: Publicação não comercial da APPOA, 2002. 72 p. [[Links](#)]

MALUF-SOUZA, Olimpia As condições de produção dos laudos periciais de indivíduos com suspeição de insanidade mental I Olimpia Maluf-Souza. --Campinas, SP: [s.n.], 2000.

MARQUES, José Frederico. Tratado de Direito Penal. Campinas: Millennium, 2000.

MARX, Karl. Sobre o suicídio. Tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006.

MELEIRO, Alexandrina M. A. da S.; TENG, Chei Tung; WANG, Yuan Pang. (coords) Suicídio: estudos fundamentais. São Paulo: Segmento Farma, 2004.

MELEIRO, A.M.A.S.. Suicídio entre médicos e estudantes de medicina. Rev. Assoc. Med. Bras., São Paulo, v. 44, n. 2, 1998. Disponível em: . Acesso em: 20 Dez 219.

MELLO, Marcelo Feijó de. O Suicídio e suas relações com a psicopatologia: análise qualitativa de seis casos de suicídio racional. Cad. Saúde Pública., Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, 2000. Disponível em: . Acesso em: 23 Dez 2019.

MELLO, Renato de. Formação Discursiva/Ideológica e Condições de Produção na Carta-Testamento de Getúlio Vargas. CALIGRAMA, Belo Horizonte, 7:/61-/71, julho 2002

MENNINGER, Karl. Eros e Tânatos : o homem contra si próprio. Trad. de Aydano Arruda. São Paulo: Ibrasa, 1970. MÉSZÁROS, István. A teoria da alienação em Marx. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

NUNES, Everardo Duarte. O Suicídio: reavaliando um clássico da literatura sociológica do século XIX. Cad. Saúde Pública., Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 1998. Disponível em: . Acesso em: 08 Jan 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da saúde em atenção primária. Tradução de Janaína Phillipe Cecconi, Sabrina Stefanello e Neury José Botega. Campinas: Unicamp, 2000a.

_____. Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia. Genebra, 2000. Disponível em: . Acesso 2 out. 2019.

_____. Mental health. Country reports and charts available. Disponível em: . Acesso em: 6 nov. 2019.

_____. Suicide prevention. Disponível em: . Acesso em: 2 out. 2019.

ORLANDI, Eni P. “Efeitos do verbal sobre o não-verbal”. In: Rua: Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP – NUCREDI. Campinas, SP, Nº.1, março 1995.

_____. *Discurso e Leitura*. 4 ed. SP: Cortez, 1999.

_____. *Cidade dos Sentidos*. Campinas (São Paulo): Pontes, 2004. 159 p.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007;

_____. *Terra à vista - Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. 2. ed. Campinas (São Paulo): Editora da Unicamp, 2008. 286 p.

_____. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. 8 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

PAULINO, Naray J. A. Considerações jurídicas sobre o suicídio. In: CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio P. *Suicídio: uma morte evitável*. São Paulo: Atheneu, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Gadet, Françoise; Pêcheux. Michel. *A Língua inatingível — Françoise Gadet; Michel Pêcheux Tradução: Bethania Mariani e Maria Elizabcth Chaves de Mello — Campinas — Pontes*. 2004.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas (São Paulo): Pontes, 2009.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni P. Orlandi. 5 ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni P. Orlandi (et.al.) 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1975.

_____. M. *Delimitações, Inversões, Deslocamentos*. Trad. José H. Nunes. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* 19, p. 7-24. Campinas, IEL/UNICAMP, 1990. Edição original: 1982.

_____. M. *Ideologia. Aprisionamento ou campo paradoxal*. In: ORLANDI, E. P (org.) *Análise de Discurso*. Michel Pêcheux. Campinas: Pontes, 2011. Edição original: 1982.

RIBEIRO, Diaulas Costa. Autonomia: viver a própria vida e morrer a própria morte. Cad. Saúde Pública., Rio de Janeiro, v. 22, n. 8, 2006.

RINALDI, Doris Luz. O conceito de angústia em Lacan. Disponível em: http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-biblioteca/DRinaldi/Doris_Rinaldi_conceito_de_angustia_em_Lacan.pdf. Acesso em 02 mai. De 2020.

SARTRE, Jean-Paul, O ser e o nada. Ensaios de Ontologia Fenomenológica. Ed. Vozes, Petrópolis RJ/1997.

SAWAIA, Bader Burihan. As artimanhas da exclusão – Uma análise psicossocial e ética da desigualdade. Petrópolis:Vozes, 2002.

SILVA, Marcimedes Martins. As Representações Sociais do Suicídio na Tramada Comunicação. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC-SP, 1992. SILVA, Viviane Franco da et al . Fatores associados à ideação suicida na comunidade: um estudo de caso-controle. Cad. Saúde Pública., Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, 2006. Disponível em: . Acesso em: 23 Dez 2019.

SILVA, Patrícia Aparecida. LEGISLAÇÃO E ACESSIBILIDADE: (DES)DIZERES DA DEFICIÊNCIA NAS RUAS DE CÁCERES-MT/Patrícia Aparecida da Silva Cáceres/MT: UNEMAT, 2016.

SMIRNOV, A. A.; LEONTIEV, A. N.; RUBINSTEIN, S. L.; TIEPLOV, B. M. Psicología. México D. F.: Grijalbo, 1960. SOARES, Gláucio Ary Dillon. Matar e, depois, morrer. Opin. Publica., Campinas, v. 8, n. 2, 2002. Disponível em: . Acesso em: 20 Dez 2019.

Szasz, T.S. (2002) *Esquizofrenia: o símbolo sagrado da psiquiatria*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

TEIXEIRA, Napoleão Lyrio. O Suicídio: em face da Psicopatologia, da Literatura, da Filosofia e do Direito. Curitiba: Editora Guairá, 1947. SODRÉ, Nelson Werneck. A Farsa do Neoliberalismo. Rio de Janeiro: Graphia, 1997. TOLEDO, J. Dicionário de suicidas ilustres. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TURECKI, Gustavo. O suicídio e sua relação com o comportamento impulsivoagressivo. Rev. Bras. Psiquiatr., São Paulo. Disponível em: 168 . Acesso em: 20 Dez 2019.

VENEU, Marcos Guedes. Ou não ser: uma introdução à história do suicídio no ocidente. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. VIGOTSKI, Lev S. Psicologia concreta do Homem. In: Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, julho. Campinas:CEDES, 2000.